

MARANHÃO, Salgado. A Cor da Palavra. Rio de Janeiro: Imago: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

Salgado Maranhão e a cor da palavra: a íntima relação do poeta com a sua linguagem

Fabício Tavares de Moraes¹

Reunindo em um único volume toda a sua produção poética, o poeta Salgado Maranhão permite aos seus leitores vislumbrar o melhor da poesia brasileira contemporânea na sua nova antologia intitulada “A cor da palavra”.

Tendo como marco inicial de sua carreira literária a participação na antologia de poetas marginais “A Ebulição da Escritura”, em 1973, Salgado Maranhão, pseudônimo de José Salgado dos Santos, desde então tem concedido ao seu público uma poesia de alta qualidade capaz de incrustar o abstrato e o metafísico no concreto e no palpável. Salgado também é letrista, tendo parcerias com grandes nomes da música popular brasileira tais como Ivan Lins, Zizi Possi, Paulinho da Viola, dentre outros.

Abarcando tanto os poemas inseridos na já citada antologia em que deu seus primeiros passos literários quanto os presentes em seu livro anterior, “A pelagem da tigre” (obra esta que consegue retrabalhar de forma inventiva e original a desgastada temática do amor, concedendo-lhe um inusitado olhar poético), “A cor da palavra” é um marco na obra do poeta, demonstrando a brilhante evolução de toda a sua criação literária. O próprio nome desta antologia esclarece o grau de intimidade e domínio que o autor mantém com sua matéria-prima (a palavra), afirmando conhecer até mesmo sua coloração – o que certamente relembra também o experimentalismo e a sinestesia próprios dos poetas simbolistas franceses, em especial Arthur Rimbaud com seu poema “Alchimie du Verbe” no qual chega a inventar a “cor das vogais”. Outra leitura possível do título da antologia seria a expressão cacofônica “Acorda, palavra”: uma notória ordem do poeta à linguagem, para que esta possa despertar os seus sentidos até então

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora

adormecidos. Essas múltiplas leituras sutis são traços característicos da poesia salgadiana que distende a palavra, a fim de que esta alcance a tão almejada plurissignificação.

A composição dos poemas salgadianos se dá através de um combate não só com a aspereza da realidade circundante repleta de contradições, mas também com a própria palavra, com o signo lingüístico transbordante de significações. Eis, portanto a tensão em que o poeta está inserido: entre a linguagem indômita e sua intenção poética. Dessa forma, o poeta trava um combate corpo-a-corpo com a palavra, a fim de dobrá-la ao seu desígnio artístico, o que, certamente requer dele postura disciplinada e apolínea. A lida diária e constante com a realidade forja no poeta um espírito crítico e sensível, capaz de notar e discernir as diversas ambigüidades e até mesmo o belo e o sublime presente nos elementos mais triviais do cotidiano. E é essa *transcendentalização do trivial* que dá à poesia de Salgado uma marca toda pessoal e inovadora. Uma poesia que, como observa Carlito Azevedo, é “colhida ao rés da existência, no banal e no fortuito” (AZEVEDO, apud: MARANHÃO, 1995)², captando o perene que se encontra atrás do gesto ou objeto mais efêmero, já que como o próprio Salgado canta: “também a vã escória/ tem sua lira,/ sob o mais transitório/ um deus conspira/ a bailar sobre paixões e cactos” (MARANHÃO, 2009, p.32). Dessa maneira, sob o olhar sensível de Salgado Maranhão o cotidiano e o prosaico assumem um matiz de transcendentalismo e perenidade.

Dessa forma, Salgado, como todo verdadeiro e notável poeta, coloca as palavras a seu serviço, fazendo com que elas se unam em um esforço contínuo e contínuo a fim de conceder poesia ao poema. Quando as palavras deixam de disputar cabo de guerra entre si e iniciam um trabalho sinérgico, aí, sim, nasce a verdadeira poesia. Portanto, como bem observou Ferreira Gullar a respeito da poética salgadiana, “‘sinergia’ é o termo que define sua poesia” (GULLAR, apud: MARANHÃO, 2009), uma vez que, nela as palavras trabalham conjuntamente sob o domínio e o desejo do poeta. Para isso, todavia, é necessário que o poeta esteja constantemente sob estado de lucidez e contemplação durante o ato criador – e não em um estado incontido de derramamento

² MARANHÃO, Salgado. *Palávora*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

lírico –, para que, através dessa permanente tensão, ele possa “dar ao verso/ víscera” (MARANHÃO, 2009, p.237) e assim conceder ao poema a marca indelével do real.

“A cor da palavra” permite então ao leitor um mapeamento completo e detalhado da ampla evolução poética de Salgado. A passagem do uso de uma linguagem mais coloquial presente nos seus primeiros poemas para um estilo *sermo nobilis* presente principalmente em “Sol sanguíneo” e “A pelagem da tigre” se apresenta nitidamente aos olhos do leitor. No entanto, há um traço característico da poética de Salgado que se encontra sempre presente em suas obras e que vem sendo continuamente aprimorado. É a coexistência do apolíneo engenho poético e da dionisíaca transgressão de valores pré-estabelecidos. A convivência de elementos aparentemente tão díspares – mas que por fim se revelam partes de um mesmo todo – por vezes culmina em combate: um combate que leva não à derrota ou vitória de um destes dois elementos, mas sim a uma poesia rica de significâncias, na qual o sagrado coexiste dinamicamente com o profano. Em suma, uma poesia temperada pela vivacidade dos deuses – Apolo e Dionísio – que se confrontem e se reconciliam alternadamente.

Assim, encontra-se nesta marcante e extraordinária antologia uma poesia de altíssima qualidade na qual elementos opostos criam uma atmosfera ao mesmo tempo sutil e vivaz. Como um salgado mar alternado de momentos de borrascas e bonanças, a salina e vibrante poesia salgadiana revela que o verdadeiro poeta é aquele que, como canta os versos prefaciais de Carlos Dimuro, se encontra “numa incansável/ respiração boca a boca/ com a palavra” (DIMURO, apud MARANHÃO, 2009, p.9)